



ARTIGOS COMPLETOS	1992
RELATOS DE EXPERIÊNCIA	2006



ARTIGOS COMPLETOS

O INDIVÍDUO E A FORMAÇÃO DA MASSA: UMA ANÁLISE DA ASCENSÃO DA IDEOLOGIA DE EXTREMA DIREITA NO BRASIL CONTEMPORÂNEO 1993

O INDIVÍDUO E A FORMAÇÃO DA MASSA: UMA ANÁLISE DA ASCENSÃO DA IDEOLOGIA DE EXTREMA DIREITA NO BRASIL CONTEMPORÂNEO

Antonio Dimas Cardoso, Aira Cardoso Santos, João Paulo Queiroz Antonini, Thiago Frederik Mendes Batista

Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES, Montes Claros – MG. E-mail: jpantonini@hotmail.com

RESUMO

As eleições de 2018 no Brasil culminaram com a ascensão da ideologia de extrema direita no país, e a partir deste fenômeno foi possível observar a união de indivíduos, até então lidos como heterogêneos, em uma mesma massa ideológica. Decerto é que os indivíduos, em diversas situações sociais, se amalgamam em massas por alguma forma de identificação entre seus membros, porém, por vezes os interesses da massa aparentemente parecem convergir contra os interesses individuais dos seus integrantes. Neste sentido, o presente artigo, realizado através de pesquisa exploratória de investigação bibliográfica, tem por objetivo analisar o que tornou possível as ligações de indivíduos aparentemente heterogêneos nessa mesma massa ideológica. Para tanto, a análise partiu da influência do social no indivíduo, desde a formação histórica, social e cultural da nação brasileira, até a influência das monções afetivas individuais e do papel do outro. Entendeu-se assim que na análise do fenômeno sociopolítico brasileiro contemporâneo, o ponto de vista social não é capaz de explicar a ligação do indivíduo nessa massa ideológica, vez que tal ligação não é a priori uma ligação ideológica, mas afetiva e normativa a partir de seus próprios desejos, que o leva a identificar-se na ideologia, com seus representantes e com o outro.

Palavras-chave: Indivíduo; Massa ideológica; Brasil; Fenômeno sociopolítico; Monções afetivas.

THE INDIVIDUAL AND THE FORMATION OF THE MASS: AN ANALYSIS OF THE RISE OF EXTREME RIGHT IDEOLOGY IN CONTEMPORARY BRAZIL

ABSTRACT

The 2018 elections in Brazil culminated in the rise of far-right ideology in the country, and from this phenomenon it was possible to observe the union of individuals, until then read as heterogeneous, in the same ideological mass. It is true that individuals, in different social situations, are amalgamated into masses by some form of identification among their members, however, sometimes the interests of the mass seem to converge against the individual interests of its members. In this sense, the present article, carried out through exploratory bibliographic research, aims to analyze what made possible the connections of apparently heterogeneous individuals in this same ideological mass. In order to do so, the analysis started from the influence of the social on the individual, from the historical, social and cultural formation of the Brazilian nation, to the influence of individual affective monsoons and the role of the other. It was thus understood that in the analysis of the contemporary Brazilian sociopolitical phenomenon, the social point of view is not able to explain the connection of the individual in this ideological mass, since such a connection is not a priori an ideological connection, but an affective and normative one based on its own desires, which leads it to identify itself, in the ideology, with its representatives and with the other.

Keywords: Individual; Ideological mass; Brazil; Sociopolitical phenomenon; Affective monsoons.

INTRODUÇÃO

Como pode-se compreender o fenômeno da radicalização social e política no Brasil atual? Em algumas abordagens estes fenômenos são explicados a partir dos problemas econômicos, outras os escândalos de corrupção provocaram a radicalização. Há ainda aquelas que entendem como consequência da manipulação das mídias digitais com a utilização das *fake news* e dos algoritmos como forma de controle social e, ainda, há aquelas cuja interpretação do fenômeno recai sobre a classe média e alta inconformada com as mudanças sociais e a ascensão das classes menos favorecidas, o que teria provocado alterações nas relações econômicas e sociais. Existem também estudos sobre o fenômeno em que se evidencia o choque

entre o conservadorismo¹ provinciano da sociedade brasileira e a afirmação dos direitos fundamentais dos negros, dos povos originários, do público LGBTQIA+ e de outras minorias, além das características oligárquicas da burguesia brasileira que historicamente sempre mantiveram o controle sobre as mídias, a opinião pública e a política nacional.

A questão que se apresenta em todas as abordagens é a formação perceptiva sobre a realidade cotidiana que se estabelece na população nos diversos grupos sociais. É esta conformação perceptiva que se transforma em opinião pública temporariamente majoritária, ou percepção-opinião que se torna preponderante nos diversos grupos da sociedade, quer sejam grupos formados por questões ideológicas, culturais, étnicas, sexuais ou outros grupos minoritários no qual o indivíduo se identifica e se estrutura como ser social. Não há como desconsiderar que de alguma forma todos estes grupos presentes na sociedade se amalgamam em massas por alguma forma de identificação ou de interesses entre seus membros. Contudo, independente da identificação que serve como ponto de ligação de formação da massa, é importante considerar que existe também de forma preponderante na formação desta os aspectos afetivos e de histórico pessoal, sendo nestes que se estabelecem os aspectos da identificação e a agregação do indivíduo a massas específicas em detrimento de outras. Esta correlação de passagem do individual para o social é que demarca o estudo deste escólio, no qual se procura entender o que torna possível as ligações dos indivíduos em uma massa ideológica aparentemente heterogênea, que culminaram nas transformações sociopolíticas no Brasil contemporâneo, com a ascensão de ideologias de extrema direita.

MÉTODOS

Para chegar efetivamente ao objetivo desta pesquisa, optou-se pela metodologia qualitativa de investigação bibliográfica nas diversas fontes. Galvão (2009) dispõe que um levantamento bibliográfico é uma apuração de informações, fatos e relações destinadas a fins técnico-científicos. É através da realização do levantamento bibliográfico que se identificam as inerências de cada estudo, colocando em contexto análises semelhantes ao tema proposto, porém feitas de acordo com pareceres de diferentes autores, obtendo assim um novo olhar sobre os objetos. Dessa maneira, o pesquisador é capaz de gerar recursos ao mesmo tempo que identifica falhas e as corrige em prol da formação do texto.

É importante destacar que embora o fato de o objeto do estudo partir do individual para o social não significa a psicologização da sociologia, mas uma escolha de abordagem epistemológica que se demonstra mais adequada a análise do caso. Para compreender os fenômenos sociais observados na atualidade, os postulados de diferentes ramos do saber precisam ser observados, pois a compreensão da radicalização na sociedade brasileira atual não pode ser entendida isolando a manifestação a um único ramo, mas a partir do emprego de diferentes níveis de abstrações e a convergência entre estes saberes, que neste caso se apropria de diversos campos, seja da sociologia, da psicologia, da história ou mesmo da filosofia e da ciência política.

O FENÔMENO SOCIOPOLÍTICO BRASILEIRO

Ao refletir sobre as transformações sociais e políticas que aconteceram no Brasil a partir do ano de 2013 e que desencadearam a eleição da extrema direita² no ano de 2018 com viés neopentecostal, militarista, reacionário³ e com comportamentos que em muitos aspectos se assemelham ao fascismo⁴, é

¹ O termo conservadorismo analisado nesse texto se remete a alcunha dada por Edmund Burke (1789). Analisando a Revolução Francesa de 1789, Burke manifesta que, a revolução não significaria a transformação radical de uma sociedade, momento fundador de uma nova sociabilidade, mas seria uma insurreição tomada por decadência e degradação, na qual a ordem estabelecida seria destruída e as tradições, rebaixadas. Portanto, a revolução insurrecional seria um processo substanciado por um fanatismo laico e dogmático, inimigo da pacífica continuidade e das mudanças contingentes da sociedade. Essa ideia se estende aos dias atuais e é basililar para a concepção conservadora de mundo (SOUZA, 2016, p.363).

² Esther Solano (2019) e Pablo Stefanoni (2018) conceituam que o termo extrema direita se deve à forma como o poder político fora apossado no Brasil, a partir das manifestações de Junho de 2013, por um discurso antissistema, meritocrático, religioso, apoiado no medo das massas e fomentado pelo campo conservador da sociedade, sugerindo a retomada aos valores cristãos, da ordem, da hierarquia, da autoridade e da moral frente à suposta libertinagem progressista. Esses valores, de acordo com Silva *et al* (2014), manifestam claros sinais à lógica nazista.

³ Peloggia (2020, p.107) analisa que existe uma definição imprecisa para as terminologias que abarcam o reagir como verbo político. Para o autor, isso decorre da natureza complexa dos contextos antropológicos, políticos e sociológicos aos quais se aplica, que variam desde a linguagem às devoções religiosas e jurisdições políticas. Porém, trazendo luz ao debate, Peloggia (p.108) coloca que essa compreensão decorre das características particulares ao modo de produção capitalista, com fundamento em noções europeias de políticas soberanas, associada à compreensão de que nação representaria a substância humana, desenvolvendo o nacionalismo como referência identitária. Qualquer espécie de ruptura a esse sentido seria identificada como um confronto ao interesse nacional, logo, ao interesse da maioria. A partir daí, compreende-se que surge as expressividades reacionárias e conservadoras, colocando-se como muro de arrimo ao derrame político causado pelo progressismo.

preciso questionar se a realidade sociocultural da população brasileira tem inclinações para este fenômeno sociopolítico ou se existem outros fenômenos que possam explicar a aparente característica brasileira. Porém, não é possível deixar de considerar que esta mesma população elegeu anteriormente, de forma subsequente, presidentes que, embora não socialistas ou comunistas, são políticos que podem ser denominados de sociais-democratas, alguns ligados aos grandes centros Universitários e ao sindicalismo.

É a partir destas flutuações de comportamentos sociopolíticos observados, que se levanta as seguintes questões: A direita brasileira é conservadora ou reacionária? Quais os fenômenos socioculturais que possibilitam a uma maioria de eleitores brasileiros flutuarem de uma posição social-democrata-sindical para a extrema direita com viés protofascista? Será que é possível explicar estas transformações socioculturais e políticas no Brasil apenas pelo viés dos problemas socioeconômicos que se acentuaram no ano de 2013?

Respondendo o primeiro questionamento, tal qual vê-se em Burke (1789), Ferreira (2016) aponta que “vivemos um momento histórico de retomada do conservadorismo moral e político no Brasil [...] através de um pretense desejo de clamor à nação e aos valores tradicionais”. Para o autor, a direita brasileira se baseia por viés conservador. Porém, cabe apontarmos que, se é um clamor, trata-se de um processo de reação ao que está posto. Coloca-se aqui, portanto, que a direita brasileira tende ao comportamento reacionário, conforme será elucidado no corrente texto.

Souza & Diniz (2021) imputam que, “desde a segunda década do milênio e com mais intensidade a partir do ano de 2013”, os traços do domínio ideológico da classe burguesa (preservação da ordem política e do *status quo*, primazia capitalista, meritocracia, confronto às teorias progressistas, entre outros) sobre a população brasileira se tornaram mais evidentes, condenando a esquerda nacional e atribuindo este fenômeno de transição sociopolítica, da esquerda para a direita, aos escândalos de corrupção que foram excessivamente vinculados pela mídia a partir de 2004, principalmente a partir do ponto de vista massificado das redes sociais. No entanto, uma breve pesquisa na história brasileira, em qualquer período, percebe-se que a corrupção não só sempre ocorreu, como era reconhecida pela população e de certa forma aceita como parte da cultura nacional, com a alcunha de “jeitinho brasileiro”.

Em uma rápida leitura das crônicas do escritor José de Alencar, a partir do ano de 1854, dentre as quais se encontram as cartas políticas e as cartas ao Imperador D. Pedro II, pode-se vislumbrar que os escândalos de corrupção fazem parte da história política brasileira. Porém, não se observa a questão, em nenhum período da história, de forma isolada, ter sido o pretexto para rupturas políticas ou de ascensão de governos autoritários. Entretanto, é possível perceber que, foram os interesses das oligarquias dominantes que promoveram as mudanças sociais e políticas no Brasil, tanto nas quebras constitucionais no ano de 1889 com a Proclamação da República, em 1937 com o Estado Novo e no ano de 1964 com o golpe militar. Este aspecto da política brasileira, do domínio das autocracias burguesas, é muito bem tratado por Florestan Fernandes (2020), que entendia que no Brasil as transições para os regimes democráticos não implicaram em rupturas estruturais com a autocracia burguesa ou com sua ordem de privilégios. Dessa forma, percebe-se que a característica comum a todas as rupturas democráticas diz respeito a mobilização nacional em prol, não dos interesses sociais da população, mas aos interesses desta autocracia burguesa.

Esta característica dos movimentos sociopolíticos brasileiros levanta a questão sobre as características das forças que são implementadas na sociedade para que os indivíduos se agreguem a uma massa, mesmo quando suas necessidades sociais não estão contempladas. A não contemplação dos interesses do povo é abordado por Darcy Ribeiro (2014), que reconhece que em muitos momentos da história brasileira irromperam conflitos provocados pelos oprimidos na tentativa de reabrir as lutas que permitissem a nação fugir do destino prescrito pela classe dominante. No entanto, em todos os momentos da história brasileira a classe dominante sempre controlou a opinião pública e o parlamento de forma servil, e este controle possibilitou a manutenção institucional baseada no latifúndio e no controle monopolista sobre os meios de produção e do capital, mesmo o capital estatal.

É importante destacar, como apontado por Darcy Ribeiro (2014), que em todos os momentos em que a classe dominante utilizou a mobilização nacional para realizar as mudanças sem mexer com a ordem

⁴ Ferreira & Gomes (2021) definem o fascismo como um movimento político característico dos períodos de crise do capitalismo, tendo a sua primeira aparição em meados dos anos 1910, mas, em maior força, a partir dos anos 1930, quando o mundo sofria gravemente com as consequências do imenso *crash* global provocado pela crise de 1929. O fascismo se sustenta sob pilares da centralidade política nas mãos de um soberano, muita vez disposto de personalidade mitológica e suserana, aplicando um regime limitado por um conjunto de leis, regras e instituições que condensem essa personificação num núcleo capaz de preservar a ordem política e os interesses do Estado Nacional a qualquer custo.

vigente, alguns grupos sociais se recusaram a fazer parte da massa mobilizada e abriram frentes importantes de oposição. Mas, nestes momentos, para garantir a implementação dos seus próprios interesses, aquela classe, como ao longo da história, utilizou-se das forças disciplinares do corpo nacional, inclusive das Forças Armadas, para garantir a manutenção dos interesses desta parcela infecunda contra o povo. Assim, a classe dominante utiliza-se de todo um conjunto de instrumentos, técnicas e procedimentos para disciplinar, sujeitar, impor uma normatividade e repelir qualquer desvio dos demais corpos, produzindo, dessa forma, um sujeito obediente, tal como tratado por Michel Foucault (2014). Porém, na contemporaneidade, Byung-Chul Han (2018b) alerta que este poder não se trata mais de um biopoder ou uma biopolítica, pois houve uma atualização dos seus mecanismos, que passam a adentrar as camadas mais profundas da psique e trabalhar mais diretamente com os afetos e desejos do indivíduo, principalmente devido aos avanços das tecnologias de informação, sobretudo as mais novas, como as redes sociais, constituindo, dessa forma, um verdadeiro psicopoder, uma psicopolítica.

Voltando a questão da mobilização nacional em uma massa, é possível vislumbrar facilmente tal fenômeno em 2018 no Brasil, quando a maioria dos eleitores foram mobilizados, tendo como instrumento principal as tecnologias de informação em rede, como Facebook, WhatsApp, YouTube, Instagram, entre outras. Porém, desta vez não para uma ruptura constitucional, situação que na conjuntura do mundo contemporâneo traria sérias consequências econômicas, políticas e sociais para o país, mas direcionando o país a uma espécie de delírio reacionário que, embora não tenha rompido com a Constituição, vem cometendo desde então reiterados atos atentatórios contra a lei com tentativas frequentes de enfraquecer as instituições da República e implementar expressões políticas de opressão sistemática contra as minorias.

Fato é que no pleito de 2018 o presidente atual obteve 55,13% dos votos válidos, ou seja, 57,8 milhões de votos⁵. No entanto, durante o seu mandato, por diversos fatores, muitos eleitores que foram arrastados para a massa acabaram convergindo em sentido contrário, embora a autocracia dominante continue a apoiá-lo⁶. É neste ponto que entra a questão fundamental: em um dado momento a partir do ano de 2013 a autocracia dominante começou a movimentar a opinião pública, como tantas vezes fez na história, para o núcleo do seu próprio interesse, e conseguiu fazer esta mobilização com maestria, vez que impulsionados pelas novas tecnologias de informação. Contudo, qual a razão desta classe dominante que continua a apoiá-lo não conseguir mais manter a coesão da massa que foi mobilizada no pleito eleitoral de 2018? Por certo, a priori, podemos pensar nos escândalos de corrupção, na crise econômica e sanitária, assim como diversos outros fatores sociais que permitiram a parcial desmobilização. Mas, este fenômeno de desmobilização também foi observado ao longo da história brasileira, pois, ao se examinar todas as mobilizações anteriores da população para a formação de uma massa, percebe-se que a classe dominante não conseguiu manter a coesão por um tempo muito longo, o que leva a crer que a ilusão ideológica criada para tal não consegue se manter por muito tempo, ao menos no que tange a maioria, o indivíduo alienado do teste de realidade.

AS MOÇÕES HISTÓRICAS SOCIAIS E A FORMAÇÃO DA MASSA

No sentido histórico sociocultural e político, o Brasil se formou como país alicerçado sobre o modelo patriarcal, escravagista e com fortes influências das Instituições Cristãs. No que tange ao escravismo, o país viveu sobre este modelo durante quatrocentos anos. Sobre isso, Joaquim Nabuco (2011), ainda no século XIX, escreveu que o caráter, o temperamento e a organização física, intelectual e moral do povo brasileiro se encontravam terrivelmente afetada pelas influências perniciosas da manutenção da escravidão que permeava a sociedade, e que os esforços para anular essa tendência seriam superiores a uma só geração.

A emancipação há de ser feita, entre nós, por uma lei que tenha os requisitos, externos e internos, de todas as outras. É assim, no Parlamento e não em fazendas ou quilombos do interior, nem nas ruas e praças das cidades, que se há de ganhar, ou perder, a causa da liberdade. Em semelhante luta, a violência, o crime, o desencadeamento de ódios acalentados, só pode ser prejudicial ao lado que tem por si o direito, a justiça, a procuração dos oprimidos e os votos da humanidade toda (NABUCO, 2011, p. 12).

⁵Apurações eleições 2018, Portal G1, <<https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/apuracao/presidente.ghtml>>.

⁶Pesquisas eleitorais 2022, Portal G1, <<https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2022/pesquisa-eleitoral/noticia/2022/08/06/datafolha-lula-tem-54percent-entre-os-vulneraveis-e-34percent-entre-os-muito-ricos-bolsonaro-tem-24percent-e-42percent.ghtml>>.

Guiando-se por essas ideias, o aristocrata Nabuco empreendeu um estilo de ativismo que consistia em “trabalhar projetos, discursos, coalizões, de modo a angariar sustentação para uma lei abolicionista”. Estilo este, por sua vez, que se alinhava às representações formuladas pelos republicanos rio-grandenses redatores d’ *A Federação* sobre a abolição. Esses agentes políticos defendiam que a abolição foi uma “revolução pacífica”, algo que talvez a história não registrasse outra, sendo tão generosa que fez “os vencidos passarem por baixo dos arcos triunfantes, na frente dos vencedores” (DIHL, 2017).

Porém, a característica perniciosa da manutenção da escravidão no Brasil não se resolveu após a abolição e nem mesmo depois de algumas gerações, mas, ao contrário do que o autor acreditava, as características da organização sociocultural, econômica e política se perpetuam até os dias atuais. Florestan Fernandes (2020) nomeia esse processo de transição da sociedade escravocrata no Brasil como Revolução Burguesa. Porém, para o autor, isso não se entende como uma passagem histórica, mas como um caminho de longa duração em que a burguesia nacional se orientou, invariavelmente, para a manutenção do seu poder político e capital financeiro. A outrora elite agrária e escravagista se viu obrigada a refugiar-se nas cidades e em outros meios produtivos, como os comércios e indústrias.

Para Darcy Ribeiro (2014) é espantoso como o povo brasileiro se orgulha da proclamada democracia racial sem perceber o profundo abismo que os extratos sociais são separados no país. Por isso é possível dizer que o sentido de democracia racial é uma fantasia. Esta característica da formação cultural do povo brasileiro apontada por Darcy Ribeiro não é uma característica explícita no comportamento dos indivíduos na sociedade, uma vez que muitos excluem da consciência sua cota de responsabilidade sobre as desigualdades. Contudo, a característica escravocrata continua presente no inconsciente-cultural da nação, e fica evidente nos dados da violência do Estado contra a população, utilizando para este fim a repressão policial estatal. A exclusão e a opressão também são facilmente observadas no quantitativo de negros e representantes dos povos originários nas Universidades Públicas e Privadas até poucos anos atrás. Esta exclusão é negada no imaginário nacional, mas é implícita no cotidiano da sociedade que cria a ilusão de democracia racial através da incorporação dos aspectos das diferentes culturas formadoras do país. Esta mesma ilusão também é observada na iniciativa privada, na qual os postos de comando, embora não se manifeste de forma explícita, a segregação é implícita nos comportamentos e direcionamentos empresariais, no qual os cargos são vedados a determinados indivíduos por características étnicas, de gênero e/ou sexuais. Outra característica nacional que desnuda o preconceito e desfaz a fantasia da democracia racial são as permanências do preconceito e da exclusão ainda presentes no ideário nacional em palavras, frases e nas denominações utilizadas com naturalidade no cotidiano, tais como: dia de branco, a coisa está preta, inveja branca, denegrir, entre outros.

Esta característica cultural é apenas um dos exemplos da influência do social sobre o indivíduo, e é um dos fatores que favorece a identificação com discursos reacionários, preconceituosos, racistas, xenófobos, sexistas e contrários as normas de civilidade. Todavia, não se pode perder a perspectiva que estes traços obedecem a moções profundamente afetivas (FREUD, 2013a). Embora este traço cultural tenha se tornado para a maioria das pessoas inconsciente, seja pelo senso moral religioso, pelo momento histórico ou por ser contrário a formação de um Ideal do Eu, estes traços culturais são reprimidos da consciência nacional, no caso, pelas formações reativas da ideologia nacional de uma democracia racial, assim como, a partir das mudanças da realidade histórica e dos valores socioculturais de cada época. Contudo, estas características continuam presentes na burguesia oligárquica dominante até os dias atuais, e continuam presentes, embora reprimidas, no íntimo de parcela considerável da população, encobertos pela fantasia do brasileiro cordial e de democracia racial. É justamente a alienação da permanência deste traço cultural que possibilita a indução e a incorporação destes indivíduos a massa protofascista e, a identificação entre os indivíduos facilita a suspensão dos valores do Supereu social, e estes valores anulados permitem que os indivíduos identificados a massa se sintam livres para externar os comportamentos contrários as normas democráticas.

O fato de que para a maioria dos indivíduos esta característica de formação afetiva e cultural se encontrar reprimida da consciência, porém latente no inconsciente, facilita que esta repressão sucumba à força do apelo das moções afetivas a partir dos estímulos exteriores (FREUD 2013a) que as ideologias sociais e as manipulações das novas tecnologias produzem. É a partir desta característica afetiva presente na formação do indivíduo e da sociedade que se pode deduzir que não foram os aspectos socioculturais da nação e a tecnologia isoladamente que criaram o fenômeno da massa e a adesão ao protofascismo recente, mas que os pressupostos para este fenômeno já estavam presentes na formação do indivíduo a partir do

conjunto da força afetiva, das crenças e valores individuais e de grupos encobertas pela fantasia do povo cordial.

A FORMAÇÃO DA MASSA HETEROGÊNEA

Existem algumas questões no caso brasileiro atual que é necessário ponderar sobre as mobilizações sociais em uma massa conduzida pelo reacionarismo, pois, além dos discursos anticorrupção e da utilização de ícones associados a super-heróis e paladinos da justiça, havia, desde a campanha de 2018, a ascensão de discursos de ódios na tentativa de desconstruir a imagem das instituições da República e contra as minorias representadas pelos povos originários, os negros, as mulheres, a comunidade LGBTQIA+ e outros tantos grupos minoritários políticos ou ideológicos. Contudo, mesmo com este espectro ideológico reacionário, o atual presidente do Brasil, assim como seus correlegionários, conseguiram atrair para suas campanhas muitos indivíduos que nos aspectos de gênero, sexuais, étnicos, ideológicos e econômicos eram pertencentes a uma destas minorias. Outro fator preponderante para compreendermos a formação desta massa é entender que ela se formou heterogênea, uma vez que entre seus membros participavam indivíduos de diversos grupos, tais como evangélicos, maçons, sionistas, militares, milicianos, agentes do mercado financeiro, empresários de todos os portes, trabalhadores de diversos setores privados e públicos, da indústria e do campo, latifundiários, madeireiros, grileiros, garimpeiros, trabalhadores informais, desempregados, liberais, conservadores, negros, mulheres, entre outros. No qual todos, a princípio, estavam unidos em nome de algumas bandeiras como a da fé, da pátria, da moral e da família tradicional.

Este aspecto sociopolítico brasileiro contemporâneo, assim como os anteriores, é bem pertinente para entender as forças que favorecem a aglutinação dos indivíduos na massa e a influência do comportamento de massa na estrutura social, uma vez que esta característica heterogênea atual na formação dessa massa não permite a compreensão do fenômeno a partir de um objeto único, seja ele a da formação histórica ou dos aspectos socioculturais e econômicos nacionais. Assim sendo, é importante questionar a origem da força que é capaz de aglutinar em uma massa de indivíduos tão diversos. Entender este processo auxilia a compreender os mecanismos utilizados para mobilizar os indivíduos em uma massa ideológica mesmo que esta ideologia seja contrária aos próprios interesses individuais ou de grupos sociais.

Todavia, embora se reconheça que a formação histórica e sociocultural do povo contribua para o direcionamento comportamental, a heterogeneidade da massa formada e suas características protofascistas impõem que se observem quais os fatores da realidade subjetiva do indivíduo que contribuíram para sua inserção na massa. É neste sentido que a abordagem epistemológica se torna imprescindível, pois o caminho para se compreender o fenômeno sociopolítico atual necessita observar em conjunto os movimentos individuais e sociopolíticos anteriores que ocorreram no Brasil, pois ao se vislumbrar os movimentos anteriores é possível entender os pressupostos socioculturais e afetivos que facilitaram a agregação dos indivíduos na massa.

Como primeiro pressuposto tem-se a existência de um suposto ícone que congrega os indivíduos ou a criação do medo (angústia) de um inimigo real ou imaginário, e no fenômeno estudado, assim como em outros, existe um ícone que recebeu atributo de “mito” e que representa a força, a justiça e o combatente do bem contra o mal, o representante dos fiéis contra os infiéis e dos patriotas contra os comunistas. Ademais, assim como nos movimentos de massas ideológicas anteriores, utilizou-se como fator de identificação a apropriação dos símbolos nos quais cada indivíduo de alguma forma se reconhece e sobre o qual se torna possível a identificação com os demais membros da massa, sendo os principais os símbolos religiosos, a família, a bandeira e a simbologia militar.

É devido a característica heterogênea que a união dos indivíduos na massa ideológica atual não pode ser explicada apenas pelas questões econômicas, socioculturais ou históricas, embora seja possível reconhecer, a priori, que estas questões exercem forças sociais capazes de anular o Eu individual, pois fazem parte da formação do ideário nacional que contribui para a formação do indivíduo. Ainda assim, de forma isolada não é possível explicar as forças psíquicas presentes no indivíduo que permitam compreender o fenômeno, é por isso que se torna pertinente analisar o fenômeno a partir das características mais fundamentais da formação do indivíduo na qual se estabelecem estas ligações, ou seja, o psiquismo.

⁷ Hannah Arendt (1951), em *As Origens do Totalitarismo* (Companhia das Letras, 2012), descreve que toda ascensão totalitária deriva da implantação de um roteiro completo para apropriação do sistema, através da manipulação das massas, da propaganda e da apropriação do Estado, visando a dominação total de um povo. Fazemos, aqui, composição desse entendimento de Arendt para ilustrarmos o que ocorre no Brasil atual.

A FORMAÇÃO AFETIVA DA MASSA

É devido as razões explicitadas e no afã de compreender as transformações sociopolíticas atuais no Brasil que é pertinente iniciar conhecendo um dos mecanismos que foi utilizado para conduzir os indivíduos a agregar-se a massa heterogênea e possibilitou, a despeito das diferenças, que os indivíduos se identificassem entre si. O primeiro elemento desta equação social já é conhecido e se refere ao Grande-Pai-Mítico, o salvador, o redentor forte que derrotará o mal. Os outros elementos de identificação são a fé, a salvação da família tradicional, os símbolos da pátria e a criação de um ou vários inimigos comuns.

No que tange ao fenômeno observado desde 2013 e intensificado na última eleição, é possível observar que o instrumento utilizado para conduzir os indivíduos a estas identificações foram as tecnologias de informação, principalmente as que envolvem *big data* e *data-mining*. Este mecanismo de controle digital, principalmente através do *micro-targeting* voltado para os eleitores, demonstra a psicopolítica possibilitada pelos dados pessoais, pela internet das coisas, a qual, através das redes, captura os usuários através de seus rastros, determinando padrões de comportamento a partir dos desejos inconscientes, e os vende, como um produto. É através dessas capturas massivas e imperceptíveis, que é possível ir aos poucos moldando os comportamentos, vez que se comunicam com questões que escapam a consciência, fazendo ligações libidinais com o indivíduo que passa, sem perceber, a não mais possuir o livre controle sobre o que sente, pensa e faz. Para melhor entendimento, o que a coleta e mineração de dados pessoais fazem é a construção diagnóstica individualizada dos traços da personalidade, e é neste processo que são construídos os modelos de estímulos individualizados para a obtenção de respostas, o que torna o mecanismo capaz de controlar a percepção que o indivíduo tem sobre o mundo exterior e suas ações individuais e em grupo (HAN, 2018b).

Embora seja conhecida a utilização das redes sociais para a manipulação da troca de informação entre as pessoas através dos disparos automáticos de *fake news*, este não é um fenômeno atual, pois ao longo da história, a despeito da existência das redes de comunicação, foram utilizados boatos ou a utilização de veículos de comunicação para influenciar os indivíduos e mobilizá-los em uma massa na defesa aos interesses da classe dominante que, no plano da realidade, a grande maioria das vezes não correspondiam aos interesses nacionais. Esta utilização dos mecanismos das *big datas*, dos boatos e dos veículos de comunicação para alterar a percepção que os indivíduos têm sobre a realidade exterior e com isso moldar os comportamentos é a prova patente da influência que a vida social exerce sobre o indivíduo, e até mesmo de sobrepujar e controlar sua psicologia.

Adorno (2015) ao tratar da propaganda fascista, já falava sobre a abordagem predominantemente psicológica realizada, a qual almejava convencer as pessoas manipulando seus mecanismos inconscientes, dessa forma, não se preocupando com argumentações lógicas, mas, sobretudo, com uma comunicação emocional. É esta influência afetiva que torna o fenômeno possível de ser explicado no plano da influência sociocultural. Sendo esta a razão da necessidade de um olhar sobre o indivíduo para entender a amplitude do processo social a partir dos fatores afetivos individuais, pois, é para o indivíduo que o apelo emocional é direcionado.

Sobre os estados afetivos, Freud (2020) esclarece que é a partir dos aspectos subjetivos do indivíduo que eles se amalgamam em uma massa e se comportam como um único corpo social, mesmo que precariamente unidos e em defesa de ideologias contrárias aos seus próprios interesses, necessidades e com considerável alienação dos dados da realidade. É por esta razão que se torna imprescindível observar o fenômeno social na singularidade do indivíduo, uma vez que a alteração dos comportamentos dos indivíduos na massa, em muitos aspectos, leva a crer que os indivíduos se encontram privados de sanidade mental. E esta insanidade é observada por Nietzsche (1992), que entende que a insanidade é rara no indivíduo, mas nos grupos, partidos, povos e épocas é a regra. É esta alteração do comportamento do indivíduo na massa, a sua manifestação em aparente insensatez e a radicalização da alienação que é preciso entender para explicar o fenômeno da agregação do indivíduo a massa.

Para compreender o processo em sua gênese é necessário ter como objeto o indivíduo em sua singularidade, pois quando se observa os efeitos que os boatos, a manipulação da informação através dos veículos de informação, o funcionamento e resultados das *big datas* e os disparos de *fake news* endereçados aos indivíduos produzem na sociedade fica evidente que existe algo na conformação afetiva e psíquica do indivíduo que estrutura o fenômeno social. É neste sentido que para Freud (2020) a psicologia individual é simultaneamente social, porém, invertendo esta lógica freudiana, este escólio procura a partir da abordagem epistemológica observar o sociocultural a partir de seu fundamento individual que se diluí

na massa, pois parte da premissa que as mesmas leis que determinam o individual determinam o social. Contudo, mais uma vez é imprescindível reiterar que esta abordagem não significa a psicologização da sociologia, pois se reconhece desde o princípio que os problemas da psicologia e da sociologia são diferentes (ADORNO, 2015). Por isso, sem adentrar aos objetos da sociologia ou da psicologia, por si sós, procura-se realizar uma comunicação interdisciplinar para compreender as moções individuais que são mobilizadas pelo social e que produzem o fenômeno da massa.

Entretanto, caberia aqui situar esta escrita na comunicação interdisciplinar como supracitado, pontuando que essa interlocução entre Adorno e os escritos sociológicos de Freud, como *Psicologia das Massas*, culmina na *Dialética do Esclarecimento* com antropologia proposta nos seus dois primeiros capítulos e amplamente moldada a partir da premissa freudiana dos processos civilizatórios, a função da psicanálise para Adorno é traçada de forma mais clara (ADORNO; HORKHEIMER, 1985). Assim, Freud contribui a Adorno, sumariamente, a possibilidade de expandir a análise sobre as formas de instituição sensível de personas autoritárias, ou seja, a maneira como o autoritarismo se emerge através de múltiplas formas psicossociológicas de atravessamentos possíveis que depõem contra uma constituição de sensibilidades da vida social.

Por um outro prisma, essa leitura de Freud como um autor qualificado para o desvelamento de uma dimensão densa sobre o autoritarismo, não é alheia à atenção da Escola de Frankfurt – diga-se de passagem, sobre personalidade autoritária escrita por Adorno, ao ritmo social do nazismo na Alemanha (ADORNO, 2015). A partir disso, ao enunciar sobre a personalidade autoritária, Adorno postula como condição da existência de uma reflexão que responda simultaneamente um posicionamento político individual e crítica a certa hostilidade contra minorias. Esta reflexão seria interposta por insuficiências subjetivas da/na personalidade que, no que lhes sensibilizam, eclodem por intermédio de instituições sociais. Um exemplo mais claro desta eclosão, é pontualmente quando Freud (2013a) escreve que a personalidade autoritária aparece mediante identificação com um líder, que se observa ter notoriedade a partir de instituições sociais ou cargos mais evidentes e, desta forma, desejos anárquicos, autoritários, de ojeriza às minorias e diferenças sociais por ora latentes, eclodem, pois, esta identificação a uma figura pública autoriza o seu surgimento, como menciona:

Um Eu percebeu no outro uma analogia significativa em certo ponto — em nosso exemplo, na mesma disposição afetiva —, constrói-se uma identificação nesse ponto, e sob influência da situação patogênica essa identificação se desloca para o sintoma que o Eu produziu. A identificação através do sintoma vem a ser, desse modo, o indício de um local de coincidência dos dois Eus, que deve permanecer reprimido (Freud, 2013a).

Assim, fica explícito a semiótica que o autor expõe entre a psicologia e a sociologia e, faz sentido pensar que esse líder se apresenta ao sujeito social como um Outro e lhe oferta potencial desejo que se materializa numa lógica identificatória sintomática de sujeição. Na mesma obra de Adorno, nota-se como a racionalidade apresenta-se concomitante com a irracionalidade: a ambiguidade de pessoas racionais que se assujeitam à comportamentos e ações irracionais e, é esse novo homem (ambíguo) que se coloca em relevo; aquele de que a racionalidade não se depara com a reflexão, ao contrário, convive com ela, necessita dela. No prefácio feito ao livro de Adorno et al. (1950/1965), Horkheimer enuncia:

O tema central do trabalho é um conceito relativamente novo: o surgimento de uma espécie antropológica que chamamos de tipo humano autoritário. Ao contrário do torcedor do passado, parece combinar ideias e experiências de uma sociedade altamente industrializado com certas crenças irracional ou antirracional. Aqui na mesma hora ser esclarecido e supersticioso, orgulhoso de seu individualismo e constantemente com medo de ser diferente dos outros, com ciúme de sua independência e Ele se curva para algo cegamente para o poder e para autoridade (1950/1965, p. 19).

A abordagem a partir do indivíduo começa a ser entendida a partir do trabalho de Roudinesco (2000), no qual a era da individualidade substituiu a da subjetividade, onde cada indivíduo tem a ilusão de uma irrestrita liberdade e que cada um é o senhor sobre o seu destino, ilusão que se reduziu na contemporaneidade a “uma reivindicação normativa” (p. 14). É na busca por esta reivindicação normativa, mas com forte apelo afetivo e ideológico que o indivíduo procura se ligar a grupos ou comunidades por identificação. É justamente esta característica afetiva que o predispõe a alienar-se ainda mais de sua condição, e de ser conduzido por movimentos sociais ou por interesses externos. É neste

processo de radicalização da alienação que o indivíduo se despersonaliza e sem perceber não consegue afirmar a sua diferença.

Todo este processo de radicalização da alienação não significa a paralisação dos desejos do indivíduo, mas a manipulação e a diluição da sua individualidade para satisfação dos seus desejos na massa. Para provocar a indução das alterações do comportamento, a manipulação e o direcionamento dos afetos são utilizados como instrumentos disponíveis, sejam eles através das *big datas*, das *fake news* ou da manipulação da informação. Toda essa indução se torna possível a partir da criação de ilusões que estabelecem ligações com as necessidades e anseios das pessoas, a partir da massificação de informações e imagens customizadas (personalizadas ou não) são direcionadas com o objetivo de potencializar os sentimentos de angústia e ansiedade. A potencialização do processo atual se tornou possível porque comunica-se com os anseios e angústias, que dominam a psique, de forma cada vez mais rápida e individualizada, através das tecnologias, sendo possível traçar estratégias para a condução e assimilação de cada indivíduo (HAN, 2018a).

É importante destacar que a massa abordada neste trabalho, com característica reacionária e profascista, foi considerada heterogênea em razão de nem todos os membros e grupos ideológicos envolvidos estarem unidos pelos mesmos fatores psíquicos manifestos nos comportamentos sociais, políticos ou ideológicos, mas os fatores preponderantes de ligação não são os dados da consciência de moções históricas, sociais, econômicas ou ideológicas, e sim, sobretudo, são de características afetivas. E, são estas características afetivas que estabelecem a identificação com outros membros, e destes com o grande líder, o grande pai-mítico que assume para a massa a segurança da realização de todos os anseios afetivos, quer seja como o grande chefe da família tradicional, o garantidor e protetor da pátria ou aquele que representa o enviado do Deus-Pai, ou seja, o correlato do Pai da horda freudiana (FREUD, 2013b).

Esta característica afetiva estimulada atualmente pelas *big datas* e anteriormente por outras tecnologias/aparatos imbuídos de ideologias dominantes para a condução das massas sempre seguiram o mesmo padrão já esboçado por Freud (2013a) em seu trabalho “Psicologia das Massas e Análise do Eu”, no qual os atos conscientes derivam de substratos inconscientes, e para além dos atos confessos das ações humanas existem razões secretas não confessáveis, e que em substratos ainda mais profundos existem razões que a própria consciência desconhece. Por tal, pode-se inferir que as ações, e neste caso, as ligações a estas massas heterogêneas, são efeitos de moções afetivas ocultas que escapam ao indivíduo.

Neste sentido os fatores fundamentais precipitantes não são efeitos do social, embora sejam provocados pela estrutura social e amplificados a partir das interações virtuais. Ou seja, as motivações internas que dirigem os comportamentos correspondem à realidade interna e externa de cada indivíduo, porém estas moções afetivas se estruturam a partir dos fatores hereditários, de herança sociocultural, quer seja familiar, da comunidade, do povo ou do meio ambiente natural e urbano no qual o indivíduo e o grupo social estão inseridos.

UM OUTRO QUE IRRITA, INAPREENSÍVEL, O OBJETO “A”

Para além do que é expresso ou oculto socialmente, o que o preconceito, a xenofobia, o sexismo e a exclusão social como formas de expressões da violência procuram controlar ou aniquilar, seja como alvo de controle o negro, a mulher, o LGBTQIA+, o comunista, o adversário político, o pobre, o artista ou o pesquisador, é o outro que irrita a alguns e perturba a outros. É este outro que provoca o desequilíbrio emocional e que irrita e perturba, é o que está inscrito na fantasia sobre a onipotência política e/ou sexual do outro, em um gozo outro estranho, portanto inapreensível. A isso Zizek (2017), citando Lacan, chama o outro estranho, o objeto que escapa ao olhar e provoca o desejo, de objeto pequeno “a” ou o objeto causa de desejo.

Estas considerações de Zizek (2017) conduz ao objeto “a” como objeto causa de desejo, porém um objeto “a” possuidor de gozo outro inapreensível que perturba, provocando o mal-estar que se manifesta como sintoma sociopolítico. Mas de qual desejo se trata no plano social? São as perturbações provocadas pela impossibilidade da normatização, e são nestas frustrações que o indivíduo se liga a massa como única forma de identificar-se com o outro. Entretanto, embora mantenha o semblante de plenitude individual, é um gozo vazio, e este vazio de significado o frustra, o irrita e o leva a se submeter ao poder do grande-outro, pois é a forma encontrada de significar o gozo na realização parcial do desejo na fantasia da massa e, ao mesmo tempo, barrar o gozo outro estranho não normatizado.

A partir das considerações de Zizek (2017) é possível estabelecer que a submissão ao poder do grande outro e a identificação na massa reacionária é provocado pelo encontro do indivíduo com o objeto “a” estranho, inapreensível e não normatizado, o que dificulta a introjeção do objeto no Eu. E esta dificuldade ou impossibilidade de introjeção do objeto é provocada por uma falha simbólica, e isso impede o reconhecimento de elementos em comum de significação imaginária, quer seja a identificação consciente com o outro humano, com o outro enquanto ser político ou a compreensão do gozo outro. Esta dificuldade perceptiva de identificar este outro estranho acontece porque o objeto-outro não estabelece relação no imaginário e, portanto, não é significado, e isso provoca frustrações e moções afetivas angustiantes, que demandam satisfação. É esta não inscrição imaginária que provoca o estranhamento e o mal-estar na cultura (Freud, 2020), que produz o desejo de controle e/ou destruição deste objeto outro.

É o mal-estar que o desejo provoca que demanda satisfação, e a impossibilidade de sua realização nas formas sublimadas aceitas pela cultura, ou na fantasia, que criam as condições que favorece a identificação do indivíduo à massa heterógena. É na ausência de significado que os algoritmos, as *fake news* e os disparos em massa nas redes sociais são utilizados para provocar nos indivíduos as demandas por satisfações e identificações afetivas em grupos ideológicos. Essa é a forma encontrada para sustentar as fantasias que apaziguam a sensação de mal-estar na cultura. Contudo, esta relação não é em todos os momentos de passividade do indivíduo, pois, em certa medida, ela é ativa na busca por estabelecer contatos nas redes sociais e nas relações pessoais, na qual os indivíduos procuram meios de satisfações a partir do estabelecimento de relações que ele se identifique na normatização dos comportamentos, como forma de obter prazer e gozo. Assim, é a insatisfação em seu próprio Eu que provoca a busca por identificação com o Ideal do Eu diferenciado do seu Eu (FREUD, 2020).

No entanto, no que se refere a retomada da ideologia de extrema direita, que se observou no Brasil a partir do ano de 2013, não pode ser entendido exclusivamente a partir de uma diferença fundamental que caracterizaria o gozo-outro inapreensível, uma vez que, embora os indivíduos ligados a massa heterogêneas desconheçam, existem fatores que as crenças e valores socioculturais históricos reprimem, ou foracluem impedindo o registro no significante. Portanto, são os fatores de repressão ou foraclusão que impedem a identificação, e não uma diferença enquanto tal, ou seja, são os valores socioculturais introjetados e as demandas por satisfações que antagonizam com o princípio de realidade que impossibilitam a identificação. Diferença que caracteriza o gozo-outro como inapreensível a partir dos conceitos socioculturais de não reconhecimento do outro enquanto tal. A não existência de uma diferença fundamental está na impossibilidade de identificação com os aspectos formativos da cultura e da linguagem brasileira.

Ao entender esta dinâmica, é possível observar que a propaganda de extrema direita, inclusive a realizada no pleito eleitoral de 2018 do Brasil, comunicava com os desejos ocultos dos indivíduos. Adorno (2015) já demonstrava em seu trabalho “Ensaio sobre a Psicologia Social e Psicanálise”, mais precisamente nos capítulos sobre a propaganda fascista, em como o agitador fascista utiliza suas próprias disposições neuróticas para estabelecer um elo de ligação com o desejo de seus seguidores, sobretudo utilizando de símbolos e da construção de um inimigo em comum (e seu assassinato sacramental).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando a estrutura histórico sociocultural e política formadora dos costumes culturais do Brasil desde sua formação a partir de uma conformação social patriarcal, conservadora, extrativista, escravagista, oligárquica e com forte influência religiosa, torna-se possível vislumbrar sob quais bases as crenças e valores nacionais se estruturam no ideário da nação. É neste sentido que o pensamento de Joaquim Nabuco (2011) se atualiza, pois fica evidente que os esforços para anular ou diminuir os efeitos desta formação psíquica ainda não foram suficientes, vez que, quando se analisa o cenário de domínio econômico e político no país, se percebe que ainda há a necessidade de identificações com o Grande-Pai, o redentor. Estrutura psíquica que pode não ser uma exclusividade do Brasil, mas uma característica humana.

No entanto, existem outros aspectos desta estrutura que permanece como parte da cultura nacional, seja no patriarcado oligárquico conservador, na tendência ao extrativismo, no imbricamento entre a política e a religião e, ainda que abolida, na escravidão que se presentifica na vida nacional sobre a forma da exploração, da coerção e na exclusão das massas. Quanto a influência dominante do patriarcado conservador é possível fazer um paralelo diferencial em dois momentos distintos da vida nacional contemporânea e que evidencia o aspecto o sexista. Este momento emblemático do sexismo mostrou-se

na diferença que parte da população se expressou a partir do aumento dos combustíveis em 2015, sob o governo da Presidente Dilma Rousseff, e em 2022, sob o governo de Jair Bolsonaro. Em 2015, os protestos contra o aumento dos combustíveis provocaram em uma parte da população o afã de criar um adesivo e fixar no tanque de combustível do carro cuja imagem representava a presidente com as pernas abertas. No entanto, nos protestos em 2022, já sob o domínio masculino do atual presidente, a vulgaridade sexista praticada contra a presidente mulher não tomou forma. Diferença que explicita um dos aspectos do patriarcado conservador cujo ideário sobre a mulher é de submissão, inferioridade e de objeto sexual, portanto, tornando-a passível de satisfazer as exigências pulsionais quando as estruturas culturais não oferecem restrições ou as coíbem (FREUD, 2020).

Estas considerações tornam-se pertinentes quando se considera que o Supereu, enquanto o representante psíquico da lei, se forma a partir da influência dos pais, das tradições familiares, da etnia transmitida e das influências do meio social no qual a criança está inserida. Portanto, sofre influências que em muito antecede ao seu nascimento (FREUD, 2019). É no encontro entre as forças antagônicas do Isso e do Supereu, que o Eu irá determinar-se influenciando pelas suas vivências. É sobre os auspícios destas influências afetivas psicossociais hereditárias e históricas que o indivíduo elabora sua fantasia de normatização a partir das identificações.

É a fantasia da normatização que fornece o suporte que preenche o vazio do sujeito, é o contraponto necessário ao antagonismo e a cena que preenche o vazio estrutural social (Zizek, 2017), é onde se realiza o gozo através da fantasia ideológica social, política, econômica, no consumo ou no gozo racista, homofóbico, entre outros. É neste sentido que o olhar se volta para a dimensão afetiva individual para explicar o fenômeno social observado no Brasil a partir de 2013 e que culminaram com a ascensão da extrema direita protofascista em 2018, assim como, nos movimentos reacionários anteriores, pois nestes fenômenos estão presentes a dimensão da responsabilidade da subjetividade do indivíduo imbricada no mais-gozar, pois são seus desejos latentes que se manifestam, uma vez que para além dos sedimentos históricos, sociais e culturais no qual os atos individuais e sociais se enraízam e se influenciam, existe o comprometimento mesmo pelo pouco gozo que o indivíduo experimenta na sua manifestação.

É no gozo que o indivíduo experimenta nas massas que se sustenta a ilusão normativa, é a ilusão que mantém a massa unida, e é nesta ilusão do apelo ou direcionamento ideológico em direção a afetividade que a massa consegue sustentar na fantasia as condições para o indivíduo se libertar dos recalcamientos das suas moções pulsionais inconscientes. Desse modo, pode-se dizer que isso significa o desaparecimento da consciência moral e do sentimento de responsabilidade, que se desmascara no gozo dos comportamentos paranoicos da defesa da pátria, da família tradicional, de Deus e contra os inimigos externos reais ou imaginários.

Na análise do fenômeno sociopolítico brasileiro atual é possível inferir que este tem forte influência da formação histórica, social e cultural da nação, porém, o fenômeno social apenas não explica o comportamento do indivíduo na massa, uma vez que sua ligação a massa não é a priori uma ligação ideológica, mas afetiva e normativa a partir de seus próprios desejos, e é esta ligação que o leva a identificar-se na ideologia, com seus representantes e com o outro.

Embora o objeto observado seja a manifestação social, o objeto do artigo esteve centrado, sobretudo, no indivíduo, pois depreende do estudo que objetivamente em todos os movimentos sociais o indivíduo está imbricado psicicamente, o que torna possível a observação do fenômeno social a partir do individual. Ou seja, na observação do objeto indivíduo está implícito aspectos do social e, reciprocamente, no social também está implícito o individual.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento: Fragmentos filosóficos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

ADORNO, Theodor W. **Ensaio sobre psicologia social e psicanálise**. Tradução de Verlaine Freitas. 1ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

ALENCAR, José (1829-1977). **Crônicas e outros textos**. Obras completas vol. VI – versão on-line, 2013.

- ARENDDT, Hannah. **As origens do totalitarismo**. Tradução de Roberto Raposo. São Paulo – SP. Companhia das Letras, 2012.
- DIHL, Tuane Ludwig. Os fragmentos biográficos de Joaquim Nabuco e da Princesa Isabel de Bragança no jornal *A Federação*: a construção de uma memória republicana sobre a abolição (RS, 1884-1889). Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo – RS. 2017.
- FERREIRA, Fernando Sarti; GOMES, Rosa Rosa. Contexto. **IN: Fascismo ontem e hoje**. Organizadores: Julian Rodrigues & Fernando Sarti Ferreira. Fundação Perseu Abramo. Coleção Argumento. 2021. 163p.
- FERREIRA, Guilherme Gomes. Conservadorismo, fortalecimento da extrema-direita e a agenda da diversidade sexual e de gênero no Brasil contemporâneo. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUC/RS. Porto Alegre – RS. 2016.
- FERNANDES, Florestan. **A revolução burguesa no Brasil: ensaio de interpretação sociológica**. 6ª ed. Curitiba: Kottler Editora; São Paulo: Editora Concorrente, 2020.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: Nascimento da prisão**. 42ª edição. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.
- FREUD, Sigmund. **Compêndio de Psicanálise e outros escritos inacabados**. Obras Completas de Sigmund Freud; edição bilingue; tradução de Pedro Heliodoro Tavares; revisão técnica de Maria Rita Salzano Moraes. 1ª ed.; 4ª reimpressão. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2019.
- FREUD, Sigmund. **Cultura, Sociedade e Religião: O mal-estar na cultura e outros trabalhos**. Obras Incompletas de Sigmund Freud; tradução de Maria Rita Salzano Moraes. - 1ª ed.; 1ª reimpressão (Obras Incompletas de Sigmund Freud / coordenação de Gilson Iannani, Pedro Heliodoro Tavares). Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2020.
- FREUD, Sigmund. **Psicologias das massas e análise do eu**. Revisão técnica e prefácio de Edson Sousa; ensaio bibliográfico de Paulo Endo e Edson Sousa. Porto Alegre: L&PM, 2013a.
- FREUD, Sigmund. **Totem e Tabu: Algumas correspondências entre a vida psíquica dos selvagens e a dos neuróticos**. Tradução do alemão de Renato Zwick; revisão técnica e prefácio de Paulo Endo; ensaio bibliográfico de Paulo Endo e Paulo Sousa. Porto Alegre: L&PM, 2013b. <https://doi.org/10.4324/9781315010489>
- GALVÃO, Maria Cristiane Barbosa. **O levantamento bibliográfico e a pesquisa científica**. São Paulo: Universidade de São Paulo – USP, 2009.
- HAN, Byung-Chul. **No enxame: perspectivas do digital**. Petrópolis: Vozes, 2018a.
- HAN, Byung-Chul. **Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder**. Belo Horizonte: Editora Âyiné, 2018b.
- NABUCO, Joaquim (1849-1910). **O Abolicionismo**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2011. <https://doi.org/10.7476/9788579820700>
- NIETZSCHE, Friederich. **Além do bem e do mal, prelúdio a uma filosofia do futuro**. Tradução, notas e prefácio Paulo César Lima de Souza. São Paulo: Ed. Companhia de Bolso, 1992.
- PELOGGIA, Alex. Nação. **In: Dicionário de Conceitos Políticos**. Instituto do Legislativo Paulista. Organização: Any Ortega & Stanley Plácido da Rosa Silva. Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo. São Paulo – SP. 2020. 183p.

RIBEIRO, Darcy. **O Povo Brasileiro, a formação e o sentido do Brasil**. 1ª edição digital. São Paulo: Ed. Global, 2014.

ROUDINESCO, Elisabeth. **Por que a Psicanálise?** Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

SILVA, Adriana Brito da; BRITES Maria Cristina; Oliveira, Eliane de Cássia Rosa; Borri, Giovanna Teixeira. A extrema direita na atualidade. Pontifícia Universidade Católica – PUC/SP. São Paulo. Revista de Serviço Social, nº119, p. 407-445, jul./set/ 2014. <https://doi.org/10.1590/S0101-66282014000300002>

SOLANO, Esther. **A reemergência da direita brasileira**. Boitempo, 2018.

STEFANONI, Pablo. Biblia, buey y bala...recargados. Jair Bolsonaro, la ola conservadora em Brasil y América Latina. **Nueva Sociedad**. Nº 278, noviembre – diciembre, 2018.

SOUZA, Jamerson Murillo Anunciação de. **Edmund Burke e a gênese conservadorismo**. Universidade Federal de Pernambuco. Recife – PE. 2016. p. 363.

SOUZA, Vitoria Teixeira de; DINIZ, Tânia Maria Ramos de Godoi. De junho de 2013 à extrema direita representada pelo bolsonarismo: a relação entre os rumos políticos do Brasil e as redes sociais. X Jornada Internacional de Políticas Públicas. UNIFESP. São Paulo – SP. 2021.

ZIZEK, Slavoj. **Interrogando o Real** / Organização de Butler, Scott Stephens; tradução de Rogério Bettoni. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

RELATOS DE EXPERIÊNCIA

DESENVOLVIMENTO DE ATIVIDADES DE PROJETO DE VIDA JUNTO A ADOLESCENTES 2007

DESENVOLVIMENTO DE ATIVIDADES DE PROJETO DE VIDA JUNTO A ADOLESCENTES

PAULA CABRAL DE LIMA
LUCIANA APARECIDA DA SILVA OLIVEIRA
ZILDA RODRIGUES NOGUEIRA

Esse trabalho é fruto do Estágio Básico III apresentado a Faculdade de Psicologia, (UNOESTE), onde desenvolvemos um projeto de vida com adolescentes de uma comunidade religiosa, com o intuito de contribuir com suas formações e processos de autoconhecimento pra que pudessem desenvolver seus planos de vida com mais reponsabilidade e foco. Sabemos que adolescência é uma fase caracterizada por mudanças e permeada por escolhas que darão início à fase adulta e com essa perspectiva o projeto de vida foi desenvolvido em quatro encontros socioeducativos com temas distintos que passavam por autoconhecimento, ferramentas para melhor organização do tempo e metas, percepção de futuro e da necessidade de semear para colher resultados e por fim resultados das percepções de cada adolescente. Abordamos o tema Projeto de Vida seguindo um roteiro sem deixar de lado a perspectiva de que O Projeto de Vida é uma experiência única e individual. O objetivo do grupo foi gerar conhecimento e oferecer ferramentas que pudessem auxiliar na trajetória dos jovens para seu desenvolvimento pessoal, educacional e cidadão buscando contribuir com seu futuro. Verificamos que os desafios encontrados pelos adolescentes na comunicação e realização das dinâmicas, eram relacionadas principalmente ao autoconhecimento e a dificuldade em se expressar sobre seus próprios gostos e qualidades, nesse sentido os encontros possibilitaram que eles pensassem sobre o que gostam e o que querem, confirmando o fato de que o autoconhecimento é primordial. A respeito do nível de autoconhecimento dos adolescentes, os resultados permitem dizer que no geral estão buscando pela felicidade, a construção do projeto de vida nesse sentido mostrou que é possível baseado no apoio familiar e no autoconhecimento que o sujeito tenha suas potencialidades evidenciadas. O tema e faixa etária foram escolhidos após diálogo com o grupo e a orientadora com o intuito de desenvolver um trabalho no âmbito da Intervenções psicoeducativa, utilizando diversas estratégias, inclusive aquelas propiciadas pela expansão das Tecnologias de Informação e Comunicação, como internet, sites e técnica das OPC (ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL E DE CARREIRA). O grupo teve como objetivo conhecer as crenças, ideias e sentimentos de seus participantes, visando à reflexão das experiências e a mudança da realidade, por meio de aspectos educativos e da estimulação de novas aprendizagens e da comunicação no grupo.